



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS REALEZA
CURSO DE LETRAS - PORTUGUÊS E ESPANHOL (LICENCIATURA)

EMILY PICINI MEDEIROS

**“NÃO VERÁS PAÍS NENHUM” E A ALEGORIA FLÂNEURIANA DE UM BRASIL
NULO**

REALEZA, PARANÁ
2021

EMILY PICINI MEDEIROS

**“NÃO VERÁS PAÍS NENHUM” E A ALEGORIA FLÂNEURIANA DE UM BRASIL
NULO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras, da Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Realeza, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciatura em Letras.

Orientação: Prof^o. Dr^o. Saulo Gomes Thimóteo

REALEZA, PARANÁ

2021

Dedico este trabalho primeiramente à minha mãe, principal incentivadora do meu caminho inicial no mundo da Literatura. Obrigada pelo presente que é o contato com os livros, as suas primeiras leituras para mim quando eu nem sabia ler sempre farão parte das minhas melhores lembranças.

Ao meu pai que nunca mediu esforços para me trazer o melhor. Sem a sua batalha diária, eu não estaria aqui.

Aos meus amigos e pessoas queridas por mim que fizeram e fazem toda a diferença. Agradeço por não me deixarem desistir da vida acadêmica em meio a todos os seus desafios.

Às minhas professoras de Língua Portuguesa da Educação Básica que também tiveram papel essencial no meu amor pelas letras.

Aos meus professores de Graduação. A UFFS nunca seria a mesma sem vocês, sou eternamente grata pelos ensinamentos ao longo dos últimos anos. Em especial ao meu orientador, professor Saulo, pela paciência e compreensão no processo de escrita deste artigo. Soube que te escolheria como orientador desde a nossa conversa lá em 2016 sobre *O Apanhador no Campo de Centeio*.

Por fim, a todos que fazem da literatura brasileira fonte de valorização e (re)conhecimento do nosso chão Brasil.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 O HOMEM E A CIDADE: UM ELO CONFLITANTE	9
2.1 A Esfera da Política	10
2.2 A Esfera do Verde	14
2.3 A Esfera do Pensamento	18
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
4 REFERÊNCIAS	21

*“Quem controla o passado, controla o futuro.
Quem controla o presente, controla o passado.”
(1984, George Orwell)*

“NÃO VERÁS PAÍS NENHUM” E A ALEGORIA FLÂNEURIANA DE UM BRASIL

NULO

Emily Picini Medeiros¹

Saulo Gomes Thimóteo²

RESUMO: Este artigo propõe uma pesquisa a partir da *flânerie* de Charles Baudelaire na obra de Walter Benjamin: “Charles Baudelaire: Um lírico no auge do capitalismo” à literatura brasileira do subgênero distópico, pertencente ao gênero da Ficção Científica. A obra a ser pesquisada é *Não Verás País Nenhum*, do escritor paulista Ignácio de Loyola Brandão, lançada em 1981, e que traz o país em meio a desastres climáticos e políticos, em que a principal figura representante do governo é o Esquema, como um Grande Irmão de Orwell, cujo objetivo é controle de massas. A partir de trechos do livro que trazem Souza com inquietudes de um *flâneur*, resgata-se em Esferas a realidade sufocante de uma São Paulo em declínio há anos, seja pela Esfera da Política sem qualquer viés democrático ou a garantia de direitos da população, seja pela Esfera do Verde que caracteriza a destruição da natureza e as consequências sentidas pela população de classes menos privilegiadas, seja pela Esfera do Pensamento, que busca condicionar possíveis pensamentos desfavoráveis sobre o Estado vindos da população, com propagandas e investimentos para destacar o trabalho do Esquema. Algo, obviamente, com o intuito de manipular a população. Juntamente ao negacionismo científico e à severa exploração da biodiversidade trazidos pela obra, problematizamos, ao final, a abordagem pela óptica do *flâneur-Souza* quanto ao direcionamento do futuro, tanto brasileiro, quanto em nível mundial na “profecia” projetada em *Não Verás*.

PALAVRAS-CHAVE: Distopia; Literatura brasileira; Flâneur

RESUMEN: Este artículo propone una investigación basada en la *flânerie* de Charles Baudelaire en la obra de Walter Benjamin: “Charles Baudelaire: Um lírico no auge do capitalismo” a la literatura brasileña del subgénero distópico, perteneciente al género de la Ciencia Ficción. La obra a ser investigada es *Não Verás País Nenhum*, del escritor paulista Ignácio de Loyola Brandão, lanzada en 1981 y que acerca al país a los desastres climáticos y políticos, en que la principal figura representativa del gobierno es el Esquema, como un Gran Hermano de Orwell, cuyo objetivo es el control de masas. Por medio de extractos del libro que acercan a Souza a las inquietudes de un *flâneur*, se rescata en Esferas la realidad sofocante de una São Paulo en declive hace años, ya sea por la Esfera de la Política sin ningún sesgo democrático o la garantía de los derechos de la población, ya sea por la Esfera Verde que caracteriza la destrucción de la naturaleza y las consecuencias que siente la población de clases menos privilegiadas, ya sea por la Esfera del Pensamiento, que busca condicionar posibles pensamientos desfavorables sobre el

¹ Graduanda do curso de Letras da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Realeza. E-mail: piciniemily@gmail.com.

² Professor Orientador, Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo - USP. E-mail: saulo.thimoteo@uffs.edu.br.

estado por parte de la población, con propagandas e inversiones para destacar el trabajo del Esquema. Algo, obviamente, con la intención de manipular a la población. Junto al negacionismo científico y la explotación severa de la biodiversidad traídos por la obra, problematizamos, al final, el enfoque desde el punto de vista del *flâneur-Souza* sobre la dirección del futuro, tanto brasileño, como a nivel mundial, en la "profecía" proyectada en *Não Verás*.

PALABRAS-CLAVE: Distopía; Literatura brasileña; Flâneur

1 INTRODUÇÃO

A literatura funciona como caminho para imaginar o mundo sob diferentes prismas, ora com um cunho mais esperançoso, ora com um tom mais catastrófico. A princípio, resgatamos a *Utopia* - cunhada por Thomas More, em 1516 - retratando sociedades civilizadas, gozando de completa razão e estabilidade humana. Ligada à Utopia, está a Distopia: um subgênero pertencente ao gênero da ficção científica, cuja característica proeminente é o estranhamento causado através de uma sociedade futurística descrita ao longo de uma determinada obra. De acordo com Leomir Cardoso Hilário, em seu artigo intitulado "Teoria Crítica e Literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade", distopia tem sua origem a partir do prefixo *dis* (doente, anormal, dificuldade ou mal funcionamento) e *topos* (lugar), construindo, então, a "forma distorcida de um lugar" (HILÁRIO, 2013, p 205). As distopias surgem posteriormente (mais fortemente no século XX) para fazer a quebra desses paradigmas utópicos. Como mencionado por Rudinei Kopp (2011):

Foi durante o século 20 que a literatura distópica se consolidou, tomou corpo, ganhou notoriedade e se firmou como uma das marcas desse tempo. Houve condições para isso, para a emergência de uma forma de pensar, imaginar e escrever sobre o futuro como um tempo no qual as coisas se tornariam piores. (KOPP, 2011, p. 10)

As distopias começaram a emergir após a Segunda Guerra Mundial, com o surgimento da Guerra Fria, sendo um exemplo a fábula distópica *A Revolução dos Bichos* (1945), escrita pelo inglês George Orwell. Após conflitos acarretados por um rompimento com a URSS, os Estados Unidos mudaram de posição quanto à divulgação da obra e fez de *A Revolução dos Bichos* uma das mais poderosas

estratégias anticomunistas da Guerra Fria. Até mesmo a CIA (Agência Central de Inteligência) financiou a distribuição do livro para o máximo de países pelo mundo e fizeram (em 1954), uma adaptação em desenho animado para ser apreciada também por crianças.

Da mesma forma, mundialmente reconhecidas por seu enredo distópico, obras como *Admirável Mundo Novo* (1932) de Aldous Huxley, *Fahrenheit 451* (1953) de Ray Bradbury, *1984* (1949) de Orwell e *O Conto da Aia* (1985) de Margaret Atwood tratam de realidades extremamente controladoras. Em *Fahrenheit 451*, por exemplo, acompanhamos o personagem Montag e seus conflitos com uma abordagem governamental que visa o distanciamento de civis da literatura e que governos autocráticos na história da humanidade tiveram tendência a adotar. Na história, acompanhamos a banalização da queima de livros - e que na vida real a prática foi exemplificada, também, pela Alemanha nazista -, em uma sociedade alienada através dos meios de comunicação e de doses altas de medicação controlada, a fim de criar uma falsa felicidade e um total controle sobre a vida da população. Já em *O Conto da Aia*, após uma grande catástrofe nuclear que gerou a infertilidade em grande parte das mulheres, temos Offred, uma Aia cuja responsabilidade é unicamente a reprodução, assim, trazendo um filho a um dos comandantes do mais alto escalão de um novo governo teocrático instaurado no país fictício de Gilead. A crítica aborda a interferência do Estado quanto ao corpo feminino, e também como a imposição do silêncio das mulheres sobre si pode acarretar em um futuro cada vez mais sufocante.

No Brasil, encontramos *Não verás país nenhum*, de autoria do paulista Ignácio de Loyola Brandão. Lançado em 1981, projeta-se sobre um futuro, no qual acompanhamos a rotina e os pensamentos do personagem Souza, ex-professor de História em uma Universidade e que vive há muitos anos sob condicionamento de um sistema aniquilador, mas que em um certo momento começa a fazer questionamentos inquietantes a partir da comparação entre um Brasil que evoca de suas lembranças e outro no qual agora habita, com drásticas mudanças governamentais e de comportamento social que foram se inserindo gradualmente e que culminaram nesse Estado totalitário. Segundo Antonia Pereira de Souza em sua dissertação *O Fantástico no Romance Não Verás País Nenhum*, a obra de Ignácio

de Loyola Brandão mostra pontos semelhantes com *A metamorfose* (1912) e *O Processo* (1915) de Franz Kafka; no que se refere: “[...] à primeira pela predominante falta de hesitação do herói-vítima diante do insultado; à segunda pelos ambientes asfixiantes e pelas buscas infrutíferas do protagonista [...]” (SOUZA, 2018, p. 53).

Entre as abordagens possíveis para essa pesquisa, elencaram-se três esferas principais, representando os modos distópicos da censura (Esfera do Pensamento), que se mostra extremamente eficaz na ocultação de informações, com notícias que poderiam trazer algo que alarmasse a população sendo veementemente proibidas; o Esquema - principal representação do (des)governo no romance - é apontado pelo narrador como uma entidade que apenas impõe os deveres e suprime os direitos do povo (Esfera da Política); e a natureza (Esfera do Verde), dizimada após anos de consumo exaustivo, restando apenas deserto onde um dia fora a floresta Amazônica. Há incontáveis produções de alimentos industrializados, lembranças do que um dia existiu: frutas, verduras, tubérculos, bebidas naturais como o café, até mesmo ovos, todos agora chamados de “produtos factícios”, fabricados em laboratório e conhecidos por lembrarem em nada o gosto dos alimentos originais. Tais esferas descritas mostram-se como a negação delas mesmas e suas rupturas, não sendo a política, a censura e a natureza como conhecidas e, sim, suas substituições, ou seja, a substituição de algo pelo seu nulo. Antes de explorar as esferas acima, é preciso fundamentar o modo de Ignácio de Loyola Brandão construir o romance, tendo como base a visão de Souza sobre a cidade que lhe é totalmente hostil.

2 O HOMEM E A CIDADE: UM ELO CONFLITANTE

Ao longo da maioria dos enredos distópicos existentes, encontra-se um embate entre o indivíduo e a cidade. Walter Benjamin, em sua obra: *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo* (1969) mostra que é possível extrair uma grandiosidade através do cotidiano e da movimentação das cidades por meio do olhar do homem entre os séculos XIX e XX, descobrindo-se, de acordo com Baudelaire, o que há de eterno no efêmero. Porém, nas distopias, não se encontra

um *flâneur* como alguém que perambula e absorve tal instante, mas, sim, aquele que anda pelo mundo sem entendê-lo, o que Ignácio de Loyola Brandão trará para os questionamentos de Souza, deixando-o em inquietude. O texto de Benjamin descreve o *flâneur* como um detetive, alguém que fará uso de sua identidade irreconhecível para vislumbrar os espaços urbanos e destaca que tais características fazem do caminhante mais do que um mero explorador de interesse apenas na ociosidade, mas, sim, alguém que usa a *flânerie* para captar o que está ao seu redor e alcance. Em sua totalidade, coloca-o como um observador nato.

O *flâneur* de Baudelaire é transposto para a realidade angustiante de uma São Paulo irreconhecível, em que Souza percebe que aquele novo governo não lhes ofereceu uma perspectiva melhor, bem pelo contrário, acabou por modificar negativamente as realidades já conhecidas. Em linhas gerais, Souza é um *flâneur* solitário e em conflito com as suas vivências, em um primeiro momento, e a posteriori, com as demais existências. No ensaio intitulado *A planta da cidade: Uma leitura genética de Não Verás País Nenhum*, a autora Cecília Almeida Salles trará um apontamento considerável do papel da cidade/habitantes, ao discorrer: “As cidades desempenham, sem dúvida alguma, um papel determinante sobre a conduta e as relações entre seus habitantes.” (SALLES, 2001, p. 136). Nesse sentido, a autora trata do elo na complexa realidade da apocalíptica cidade de São Paulo em *Não Verás* e o elo com o narrador-personagem. Concomitantemente, a partir desse flâneur-Souza, abordaremos as Esferas representantes do nulo na sociedade distópica, na qual o narrador-personagem se encontra.

2. 1 A Esfera da Política

Após seguidos golpes de estado e diversas mudanças políticas - envolvendo a perda de território brasileiro a outros países - houve a ascensão da presença do Esquema, formado por membros extremamente restritos e secretos. A partir de então, trouxeram planos ufanistas para falar de um Brasil temido pelas outras nações, a frente em seu desenvolvimento com sua hidrelétricas, ferrovias de minérios, na política energética; motivos pelos quais o povo só haveria de orgulhar-se, mesmo que jornais apontassem denúncias de corrupção. Criou-se um

“abaixo aos negativistas” (BRANDÃO, 2008, p. 64), em que o narrador recorda outra tática utilizada: o medo dos comunistas, tendo-o como uma ameaça e perseguindo-os por ainda serem uma parcela da população questionadora. Para além dos negativistas e dos alarmistas, o Esquema trabalha em parceria com os veículos de imprensa, com a tática do inimigo invisível, no caso dos comunistas. Isso se percebe, por exemplo, quando o narrador destaca: “Duas coisas eram pior que o câncer para a Alta Hierarquia do Novo Exército: os espíritos negativistas e os comunistas. Eram caçados e isolados.” (BRANDÃO, 2008, p. 65).

A narrativa traz, posteriormente, um diálogo entre Souza e seu sobrinho, que faz parte do Novo Exército. Nele, o sobrinho o questiona sobre sua devoção ou não ao Esquema, ao que Souza procura, em um primeiro momento, não responder diretamente, mas o rapaz tanto insiste que recebe uma resposta negativa de seu tio: “ - Não gosto do Esquema, não posso gostar. Tudo que está aí foi por causa dele.” (BRANDÃO, 2008, p. 79). Novamente é questionado pelo sobrinho sobre o que isso representaria, e Souza completa enraivecido: “ - Tudo. O país é despedaçado, os brasileiros expulsos de suas terras, as árvores esgotadas, o deserto lá em cima.” (BRANDÃO, 2008, p. 79). A reação é vista com reprovação tanto pelo sobrinho, quanto por sua esposa, Adelaide, mas neste momento em específico, mesmo que o texto esteja em seu início, pode-se notar o descontentamento que o narrador-personagem começa a sentir com o que vê. E mais: demonstra-o para outras pessoas que, mesmo próximas, apoiam o governo.

É característico de governos totalitários a perseguição em massa contra profissionais de áreas científicas, por serem propriamente críticos e detentores de um embasamento técnico, caso haja instabilidade em decisões governamentais. Souza destaca um rastro seguido pelo Esquema a fim de silenciar esses profissionais: “Havia na universidade um livro negro. Intenso relato de perseguição que professores, pesquisadores, médicos, cientistas sofreram. Até o momento em que os registros não adiantaram. A exceção virou normalidade.” (BRANDÃO, 2008, p. 67).

A partir de então tornam-se recorrentes os pensamentos do flâneur-Souza, em que ele próprio admite ter deixado de prestar atenção no centro há tempos: “Andando pelo centro. Estranho estar à vontade, admirando vitrines que nem sabia

estarem ali, reparando nos rostos das pessoas. Deixei de prestar atenção ao centro faz muitos anos.” (BRANDÃO, 2008, p. 103). A *flânerie* toma forma nas reflexões do narrador e em como ele vai percebendo-se naquela realidade sufocante. Acrescenta-se que para Benjamin a maneira como o *flâneur* percebe seu dia a dia é descrito como “A calma dessas descrições combina com o jeito do *flâneur* a fazer botânica no asfalto” (BENJAMIN, 1994, p. 34), sendo possível que a botânica para o flâneur-Souza venha a ser sua inquietude a cada vez que perambula pela nova cidade cinzenta de São Paulo.

Até mesmo o idioma de seu povo o Esquema acabou por fiscalizar. A população está proibida de mencionar a nomeação dos Acampamentos Paupérrimos: “Que não me ouçam designar tais regiões pelos apelidos populares. Mal sei o que pode acontecer. Isolamento, acho.” (BRANDÃO, 2008, p. 13), relata angustiadamente o narrador-personagem. Popularmente conhecida como Acampamentos Paupérrimos, essa região miserável, afastada da cidade, abriga uma população vivendo em condições desumanas. É onde são depositados corpos humanos, já que o espaço destinado aos cemitérios é usado para construção civil, portanto, o cheiro que exala desse lugar é sufocantemente insuportável.

Com a chegada do Novo Exército após a instauração ditatorial, o Esquema ganhou olhos e ouvidos por toda a cidade através dos Civiltares, uma forma adicional para supervisionar a população. “Para cada homem em circulação, existe praticamente um Civiltar ao seu lado. Eles andam girando a cabeça para todos os lados e se assemelham a robôs. O treinamento intensivo desperta neles, compulsivo o faro, o instinto. Não sei como, enxergam tudo.” (BRANDÃO, 2008, p. 22), trazendo à população uma falsa segurança: “Por menos que goste deles, é preciso reconhecer: evitam catástrofes nesta cidade. Pior sem eles.” (BRANDÃO, 2008, p. 230). Assim, temos um Brasil em um condicionamento conjunto, no que se refere aos diversos investimentos políticos vindos do governo para obtenção do controle da população e evitar ao máximo algum levante do coletivo. Algo que será discorrido a seguir.

Benjamin fala do coletivo nas ruas em sua obra, ao discorrer sobre “As ruas são a morada do coletivo. O coletivo é um ser eternamente inquieto, eternamente agitado que, entre os muros dos prédios vive, experimenta, reconhece e inventa

tanto quanto os indivíduos ao abrigo de suas quatro paredes.” (BENJAMIN, 1994, p. 194). Aqui pode-se observar que as inquietudes na obra *Não Verás* funcionam não como um coletivo, mas a partir de um indivíduo, ou de indivíduos, já que no decorrer da história o flâneur-Souza encontrará um conhecido biólogo do passado - Tadeu Pereira - que logo no início da instalação ditatorial sofreu perseguição na mesma universidade em que Souza trabalhava. Ao se reencontrarem, anos depois, Tadeu desabafa com Souza: “[...] as pessoas andam espantadas. ninguém quer saber de mais nada. O que vale é o dia a dia. Só se pensa na sobrevivência.” (BRANDÃO, 2008, p. 105). Há um levante em relação ao apaziguamento de um povo que teve seus direitos anulados e que atualmente vive sob vigilância constante.

A hostilidade dos habitantes de *Não Verás* citada por Tadeu se torna parte da ambientação, algo que também cedeu àquela existência angustiante. De forma robótica, as pessoas buscam cumprir suas funções diárias exigidas sem notar o desenrolar dos acontecimentos ao seu redor, passando por um cumprimento ignorado ou na sua participação passiva no controle do Esquema.

Sou exceção, grito meu bom dia, os rostos se viram aflitos, perplexos. Depois se voltam para a paisagem, as calçadas congestionadas. Mais um louco, pensam. Todos têm certeza, serei apanhado ao descer. No dia seguinte, se surpreendem, sem demonstrar, quando apareço, cumprimentando. (BRANDÃO, 2008, p. 21)

Grupo pelo qual Souza admite fazer parte, o que para ele se torna ainda pior por ter sido professor universitário de história. Uma dualidade a partir de uma análise do personagem sobre seu próprio comportamento apático perante a sociedade. Tal anulação do estado político de seus habitantes que veem-se distantes de suas próprias perspectivas, enfatizando os espaços descritos na obra com uma conformidade característica, bem como na passagem:

No decorrer dos anos, temos nos adaptado a tudo. Acaso as gerações dos anos sessenta e setenta não se conformaram, aceitaram e até buscaram o estado de sítio permanente? Quando penso nessas coisas, não me excluo. Eu também sou o povo. E talvez tenha maior responsabilidade. (BRANDÃO, 2008, p. 35)

Conformidade essa que constantemente ganha destaque nos pensamentos de Souza e seus devaneios sobre a lembrança de uma São Paulo diferente no

passado, porém que ainda tem suas similaridades com o presente ao ser referido a constante irritação no rosto de seus habitantes, agora maior em decorrência do alto sufocamento não apenas climático, mas, também, político:

Os prédios concentram o mormaço, as filas de circulação caminham indolentes. Como era engraçado o tempo em que todo mundo andava apressado em São Paulo, aos encontrões, esbarros. No entanto, a irritação nos rostos e dentro da gente é igual. Por causa desse abafamento constante, interminável. (BRANDÃO, 2008, p. 99)

A Esfera da Política representa a consequência de constantes anulações arquitetadas por meio de barreiras criadas pelo próprio Esquema. Barreiras essas que definiram o presente, futuro e passado, como veremos posteriormente.

2.2 A Esfera do Verde

Essa Esfera é caracterizada pela completa dizimação da fauna e flora brasileira em *Não Verás*. Primeiro, iniciou-se uma gradativa exploração a favor do capitalismo nas florestas, a qual logo gerou um descontrole a cada lugar desmatado. Estabeleceu-se o caos devido a um grande deserto em território amazônico, pessoas recorriam às suas crendices para que a chuva viesse, mas “Um ano sem gota de água e as represas de São Paulo se esgotaram. Apavorado, o povo fazia promessas, enchia as igrejas. [...] Inúteis. Poços artesianos começaram a ser abertos às pressas, às centenas.” (BRANDÃO, 2008, p. 116).

Animais não há. Frutas, legumes, verduras, o que era natural findou-se. Em um discurso apocalíptico, o governo investiu na fabricação em laboratório das chamadas comidas factícias, “Não chegamos a comer raízes porque elas não existem mais. Esgotamos praticamente tudo. Dependemos das indústrias químicas governamentais ou do que é importado das fechadas reservas multi-internacionais.” (BRANDÃO, 2008, p. 36). Ainda, segundo Souza, são comidas que não lembram em nada o gosto dos alimentos que tentam reproduzir:

A falta de cheiro dessas comidas vindas das indústrias ministeriais me inquieta. Sabe-se lá de que modo são sintetizadas. Se fazem água da urina, vai-se ver o que estamos a comer. Esses alimentos são assépticos demais. Deixam na garganta um sabor que demora a sair. (BRANDÃO, 2008, p. 53)

Fabricaram-se plantas com cheiro natural, o que é descrito por Souza como algo medonho, no entanto, a elite possui acesso às plantas naturais: “São vendidas em galerias de arte a preços insuportáveis. Uma planta vale mais do que as pinturas valiam anos atrás. Nos leilões trocam-se Picassos por samambaias, Portinaris por avencas. Duke Lee por gerânios. Oiticica por antúrios.” (BRANDÃO, 2008, p. 186). Uma amostra de como os mais ricos continuam a ter privilégios mesmo em um cenário totalmente catastrófico como o de *Não Verás*, enquanto os pobres são rebaixados ao nível mais inferior possível.

Existem colecionadores, *marchands*. Estufas com ar condicionado para o cultivo. Os donos dispõem de quantias extras de água. São privilegiados. Porque se descobrem alguém desperdiçando água, adeus. Pode contar com o isolamento, é fatal. Evidente que a lei não se aplica a uns poucos. (BRANDÃO, 2008, p. 196)

Evidente que a realidade tornou-se outra, mas os direcionamentos para que os privilegiados usufruam do que bem entenderem ainda perduram e, na visão do flâneur-Souza, é algo extremamente claro e inquietador. Não apenas na aquisição de bens naturais, mas, também, o controle da classe trabalhadora na troca de mão-de-obra por itens essenciais. Mais especificamente, vitais para a sobrevivência humana, que será descrito posteriormente.

Trabalhadores domésticos trocam seu tempo de trabalho pelo máximo que conseguirem de água ou comida, “As pessoas trabalham em troca de um prato de comida, um copo de água por dia. Não querem dinheiro, só comer e beber.” (BRANDÃO, 2008, p. 16). Ao que Souza justifica a escolha sua e de sua esposa, Adelaide, em não contratarem empregados: “Se aceitassem dinheiro, tudo bem. Mas comida? E que dizer de água então?.” (BRANDÃO, 2008, p. 16). Há a ruptura da prioridade dos bens nesse novo cenário, em que a sobrevivência diária ganha mais importância do que pode-se acumular em questão de riquezas.

Temos um referencial do uso da purificação de urina para ser comercializada como água, que faz parte de uma campanha de restauração da água. O narrador confronta a credibilidade do governo sobre essa distribuição, contestando: “Se

existe alguma coisa neste país na qual ninguém ponha fé, algo que não vale absolutamente nada, trata-se da palavra do Esquema.” (BRANDÃO, 2008, p. 33).

A Casa dos Vidros de Água é um museu num determinado ponto da cidade em que todos os dias antes do trabalho e no mesmo horário, Souza passa para visitar. Nela, há toda a sorte de demonstrações do que um dia foram os rios e florestas brasileiras, uma atração ao público. No interior da Casa, Souza escapa do deserto arrasador e faz uso de sua *flânerie* para projetar observações no trecho “Saio da Casa dos Vidros de Água sempre abalado com o irreparável. Não em relação à minha vida. Ao mundo que me cerca, ao ponto a que as coisas chegaram.” (BRANDÃO, 2008, p. 23). Além de projetar um pensamento sobre a utilização de um museu para a representação que lhe foi atribuída:

Certamente, do ponto de vista prático, a Casa é inútil e o que ela exhibe também. Coisas perdidas no tempo, irrecuperáveis. Tudo funciona em torno da utilidade, conveniência ou não. Esta Casa talvez tenha sido a última obra considerada sem valor prático para a civilização. (BRANDÃO, 2008, p. 24)

Retomando as drásticas mudanças climáticas, Souza menciona bolsões escaldantes que surgem em pontos específicos durante o dia e amenizam à noite. Bolsões conhecidos por sua mortalidade instantânea, já que alcançam temperaturas elevadas, o que fez com que o governo criasse um projeto para construção de marquises como escapatória do calor mortal, mas uma promessa que até então não fora colocada em prática.

Não dava mais para se expor ao sol. Você saía na rua, em alguns segundos tinha o rosto depilado, a pele descascava, a queimadura retorcia. A luz lambia como raio laser. Com o tempo, o perigo nos bolsões de soalheira, como o povo chamava, aumentou terrivelmente. Quem caía dentro não se salvava. (BRANDÃO, 2008, p. 205)

A partir disso, os bolsões passaram a ser utilizados como repreensão, caso os Civiltares considerassem necessário: “Os Civiltares utilizavam os bolsões como castigo. Jogavam presos, desafetos, inimigos, subversivos na soalheira e esperava. Desaparecido o corpo, sem testemunhas, não há crime, diz a lei.” (BRANDÃO, 2008, p. 205). Ainda tem-se informações complementares sobre os bolsões: “[...] os bolsões à noite desapareciam. Deve ser aquele fenômeno do deserto. Quente de

dia, frio de noite.” (BRANDÃO, 2008, p. 205), ao que foi utilizado a trégua do calor imensurável para a população nordestina poder migrar para o Sudeste e Sul em busca de uma vida melhor, sem o aprisionamento em suas casas causado pelos bolsões de calor, no entanto, essa migração desencadeou uma extrema xenofobia sobre pessoas da região nordeste que, expostas ao imensurável calor, viam-se cada vez mais doentes. Ao falar em exclusão, resgata-se a descrição feita por Souza (2008) em uma comparação do personagem Souza e a ambientação de *Não Verás* aos personagens criados pelo escritor tcheco, Franz Kafka. Percebe-se, a partir das descrições feitas pelo flâneur-Souza, o sufocante odor e sensação que a densa exploração da natureza causa para os habitantes: “O mormaço rescalda a cidade, inflama a gente.” (BRANDÃO, 2008, p. 14). Nesse sentido, evidencia-se a realidade vivenciada em comparação às ambientações kafkianas, como Gregor Samsa, de *A Metamorfose* (1915) e Joseph K., de *O Processo* (1925). Surge um furo na mão de Souza, fazendo com que o personagem se sinta em completo deslocamento do mundo, sendo em determinadas passagens até mesmo humilhado. Os personagens mencionados passam por um sentimento de exclusão social, sendo com o furo na mão inexplicável, acordando metamorfoseado em um inseto, ou preso por um crime que sequer sabe da existência. Tanto Souza, quanto Gregor e K. transpassam o desconforto que é estar em suas existências.

Ironicamente, o governo usa da completa falta de algo essencial para trocá-lo pelo seu nulo, abordando uma propaganda arquitetada para bem falar da sua falta de gestão. O narrador-personagem ainda relembra da destruição gradativa de uma floresta de importância para o enriquecimento capitalista:

Por cinco anos abastecemos o mundo de madeira. Convencidos de que não havia problema, aceitamos que vendessem pedaços da Amazônia. Pequenos trechos, diziam. Áreas escolhidas por cientistas, para que não se alterassem os ecossistemas. Até que, um dia, as fotos tiradas pelos satélites revelaram a devastação. Todo o miolo da floresta dizimado, irremediavelmente. O resto durou pouco, em alguns anos o deserto tomou conta. (BRANDÃO, 2008, p. 107)

O governo aborda o verde nulo ao tratar o desmatamento desenfreado da floresta Amazônica como uma oportunidade para que o país finalmente tenha seu próprio deserto do Saara, destacando como esse atrativo turístico pode trazer

riquezas e investimentos ao Brasil, descrevendo-o não como algo que conseqüentemente afetaria a todos de forma negativa em condições climáticas, mas com a óptica de ser uma das sete maravilhas da natureza:

[...] a história vai nos registrar como o Esquema que deu ao país uma das grandes maravilhas do mundo. Não é apenas a África que pode se orgulhar do seu Saara, o deserto que foi mostrado em filmes, se tornou ponto turístico, atração, palco de aventuras, celebrado, glorificado.” (BRANDÃO, 2008, p. 65).

Sendo assim, há claramente uma tentativa em ações do governo para desviar a atenção do que mereceria ser contestado. Porém, na realidade de *Não Verás*, crimes ambientais mencionados são expostos como um bem para a população e futuro do país, em uma manipulação ardilosamente planejada passo a passo. O que resta à população é, em tamanha cegueira social, não perceber quem verdadeiramente assume o papel do algoz.

2.3 A Esfera do Pensamento

Nesta seção será enfatizada a maneira pela qual o Esquema utiliza fortemente o uso de propagandas a seu favor, a fim de blindar críticas negativas que possam surgir, não só da imprensa e grupo técnico-científico, como do público no geral para ter o controle não somente de opiniões sobre o governo, mas, também, sobre a história e geografia do país.

Há a representação de propagandas a favor da imagem do governo sobre os rumos tomados ao longo dos anos sobre a aniquilação ambiental. Na Casa dos Vidros de Água encontra-se um exemplo:

Comercial do Esquema. Imagens de poços artesanais se sobrepõem a planos dos leitos secos dos rios. Os rios desaparecem, a água jorra cristalina dos poços artesanais. Milhares de copos plásticos correm em esteiras nas máquinas de encher e lacrar. Crianças riem felizes, a música de fundo é clara, otimista. (BRANDÃO, 2008, p. 164)

É sabido por Souza, em meio às suas reflexões do passado vivido, as mazelas que chegaram após o Esquema tomar o poder. Como, por meio de investimentos em excessivas propagandas, normalizou-se o que seria inadmissível

em tempos anteriores. Por conseguir “amortecer a mente”, como mencionado pelo flâneur-Souza, o governo e seu totalitarismo desenfreado tomou espaço com efeitos catastróficos, algo refletido pelo narrador-personagem:

Sou lúcido para saber que o controle total, rígido, dos meios de comunicação, aliado à Intensa Propaganda Oficial (IPO), amorteceu as mentes. De tal modo que esta emergência em que vivemos passou a ser considerada normal. A nossa memória é admirável, porque esse passado é recente. (BRANDÃO, 2008, p. 35)

Vale ressaltar não somente o controle arquitetado pelo Esquema, como também o domínio sobre o ir e vir de seu povo, feito através de fichas que visam autorizar ou não uma pessoa a frequentar determinados pontos da cidade. Se não possuir fichas específicas, terá de retirar-se imediatamente, sejam caminhos ou meios de transporte, como explica Souza: “A ficha indica onde posso andar, os caminhos a percorrer, bairros autorizados, por que lado da calçada circular, condução a tomar.” (BRANDÃO, 2008, p. 21). Um perfeito exemplo da monitoração do Esquema que vai além de qualquer limite que se possa imaginar.

Até mesmo a obrigação em comprar num determinado dia da semana é obrigatório a uma parte da população para que, segundo o Estado, evite uma recessão da economia. Não há escolha sobre querer ou não gastar. Caso aponte que alguém não compareceu ao Distrito das Compras há alguns dias, essa pessoa fará parte da Marcação. Existem, também, os “Privados”, descrito por Souza como

[...] uma categoria que conseguiu a isenção para o dia de obrigação de consumo. O problema é que, com a isenção, eles têm de se restringir às pequenas lojas nos próprios círculos em que moram. Não podem se utilizar dos serviços amplos do Distrito de Compras, onde há tudo. (BRANDÃO, 2008, p. 91).

Assim como a frase “Se é que há esperança, a esperança está nos proletas.” (ORWELL, 2009, p. 88), que ecoa no pensamento do personagem Winston Smith de 1984, Souza em *Não Verás* projeta descontentamento similar em relação ao silenciamento dos brasileiros e por não conhecerem verdadeiramente seu real poder pelo viés democrático. Para tanto, busca observar o silêncio imposto à população:

Encontrar uma saída. Se as pessoas quiserem, haverá possibilidades. Não há querer, ninguém vê nada. Todos tranquilos, aceitam o inevitável. Os jornais não dizem palavra. Calaram-se aos poucos. Mesmo que falassem, não têm força nenhuma. A televisão está vigiada. (BRANDÃO, 2008, p. 24)

Já o comando do pensamento sobre o direcionamento da culpa da má administração feita pelo Esquema no país é destinada ao próprio povo brasileiro, por meio de propagandas extremamente xenófobas que acarretam em discursos de ódio, conforme declarado:

O Esquema está de prontidão para tomar duas providências: impedir que a migração para esta cidade continue, uma vez que ela é causa de grandes problemas; em segundo lugar, adotar medidas como a construção de gigantesca Marquise para proteger o povo do sol e da intensa onda de calor que se abate sobre o país. (BRANDÃO, 2008, p. 164)

Desta forma, passa a responsabilidade da crise pela qual o país vive para suas vítimas e que por estarem migrando de um estado a outro os torna os causadores de conflitos. É com esse estigma que a população passa a vê-los: como uma mancha na sociedade que precisa ser isolada e exterminada o quanto antes.

A anulação do pensamento vinda do Esquema mostra-se progressiva, também, sobre a geografia do país considerada pelos moradores: “Veja, agora, a cerimônia do corte da última árvore do Brasil na pequena vila de Santa Úrsula.” (BRANDÃO, 2008, p. 167), ao que um segundo personagem contesta para Souza através de um diálogo a existência da vila mencionada: “ - Santa Úrsula? Ah, essa cidade nunca existiu.” (BRANDÃO, 2008, p. 167), ao que Souza, com certa irritação, mostra-lhe divergência: “ - Como não? [...] Todo mundo sabe que Santa Úrsula foi inundada quando construíram a barragem hidroelétrica de Manguinhos.” (BRANDÃO, 2008, p. 167), em que, mais uma vez, o homem rebate Souza: “No vale do São Francisco existia um Santa Úrsula. Comparei fatos, escrevi para lá. Havia uma coisa que não batia. A vila do filme nada tinha a ver com as fotos que eu consegui. Era diferente.” (BRANDÃO, 2008, p. 168). Ao final, conclui para Souza que o filme fora forjado.

Interessante notar a manipulação sobre dados irreais que facilmente poderiam ser contestados, porém, numa realidade de *Não Verás* que o controle sob o pensamento estivesse tão encaminhado da forma que se mostrou estar. Controlar

o passado muda o futuro. Não abrir caminhos para contestações torna, facilmente, verdade em mentira.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De fato, é observável no decorrer do romance o poder da manipulação e silenciamento vindos de um governo controlador, semelhante a tantos outros que mudaram a história mundial e deixaram suas marcas até os tempos atuais. Brandão escreveu *Não Verás* sob a óptica de um personagem que vive em uma São Paulo vista como uma “prisão física e moral” (SALLES, 2001, p. 138), contrário ao poema de Bilac - sugerido pelo próprio título.

Ao longo deste artigo, analisou-se a atuação das três Esferas e suas anulações nos contextos político, biodiverso e de pensamento. Assim, verificou-se a alegoria na realidade de *Não Verás* e suas contrariedades, utilizando da inquietação pertencente ao subgênero distópico.

Houve a confirmação da *flânerie* na óptica de Souza, através de trechos obtidos da obra e com base nos ensaios de Benjamin (1994). Manifestou-se os principais problemas que declinam o viés democrático no enredo, bem como o negacionismo à ciência e distorção de fatos evidentemente comprovados.

Conclui-se que a atemporalidade encontrada na obra de Brandão traz debates necessários para discussão. A Distopia é um subgênero que ganha destaque até os dias de hoje justamente por tratar de temas sobre o limite da razão humana e suas decisões pelo controle e poder. Faz-se imprescindível a leitura de obras distópicas num mundo que gradativamente aparenta não trazer distinções entre ficção e realidade.

4 REFERÊNCIAS

ATWOOD, Margaret. **O conto da aia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: Um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRADBURY, Ray. **Fahrenheit 451**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2012.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **Não verás país nenhum**. 27ª edição. São Paulo: Global, 2008.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. Teoria crítica e literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. **Anuário de Literatura**, v. 18, n. 2, p. 201-215, 2013.

HUXLEY, Aldous, **Admirável mundo novo**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014.

KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Rio de Janeiro: Antofágica, 2019.

KAFKA, Franz. **O processo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005.

KOPP, Rudinei. Comunicação e mídia na literatura distópica de meados do século 20: Zamiatin, Huxley, Orwell, Vonnegut e Bradbury. 2011.

ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ORWELL, George. **A Revolução dos Bichos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SALLES, Cecilia Almeida. A planta da cidade: uma leitura genética de Não verás país nenhum. IN: **Cadernos de Literatura Brasileira**. Ignácio de Loyola Brandão, n 11, jun. 2001.

SOUZA, Antonia Pereira de. O fantástico no romance : não verás país nenhum. 1ª edição. Jundiaí: Paco, 2018.